



A ESTILÍSTICA BRASILEIRA E A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA E ESTILO SEGUNDO GLADSTONE CHAVES DE MELO

*Brazilian stylistics and the relationship between language and style by
Gladstone Chaves de Melo*

Vanessa Ghilardi-Fossã
Universidade Federal de Goiás – UFG
vanessamestradoufg@gmail.com

Resumo: Com uma impressionante e extensa produção acadêmica, Gladstone Chaves de Melo é considerado um dos mais profícuos linguistas brasileiros que tanto contribuiu para fortalecer a pesquisa linguística no Brasil. No que tange à estilística da língua portuguesa, Chaves de Melo teve a iniciativa de estudá-la em um período em que essa disciplina ainda era recente no Brasil e não ocupava lugar de destaque nos estudos tradicionais de língua e linguagem. Diante disso, este artigo pretende apresentar um estudo sobre a estilística da língua portuguesa desenvolvida por Chaves de Melo sob o viés da historiografia linguística, com objetivo de descrever alguns conceitos estilísticos presentes em suas obras, além de mostrar como a relação entre língua e estilo foi estabelecida pelo autor. Dessa forma, para alcançar nosso intento, os princípios metodológicos utilizados neste trabalho serão os da historiografia linguística, a saber, os princípios de contextualização, imanência e adequação, bem como o método de revisão bibliográfica e análise de corpus. Como aporte teórico utilizaremos contribuições de autores como Chaves de Melo (1975; 1976; 1981), Mattoso Câmara Jr. (1978), Possenti (2008), Altman (1998; 2009), Koerner (1996; 2014), entre outros. Portanto, faremos um recorte metodológico da historiografia linguística, limitando o presente trabalho a um exame preliminar apenas do princípio da contextualização e possíveis influências de outros autores e/ou obras para a elaboração dos trabalhos de Chaves de Melo sobre a estilística da língua portuguesa, bem como analisar a relação entre língua e estilo definida pelo autor.

Palavras-chave: Gladstone Chaves de Melo. Historiografia-Linguística. Língua Portuguesa. Estilística Brasileira.

Abstract: With an impressive and extensive academic production, Gladstone Chaves de Melo is considered one of the most proficient Brazilian linguists that has contributed so much to strengthen the linguistic research in Brazil. Regarding the stylistics of the Portuguese language, Chaves de Melo had the initiative to study it in

a period in which this discipline was still recent in Brazil and did not occupy a prominent place in traditional studies of language and language. This article aims to present a study on the stylistics of the Portuguese language developed by Chaves de Melo under the bias of linguistic historiography, in order to describe some stylistic concepts present in his works, as well as to show how the relation between language and style was established by the author. Thus, in order to reach our goal, the methodological principles used in this work will be those of linguistic historiography, namely, the principles of contextualization, immanence and adequacy, as well as the method of bibliographical revision and analysis of corpus. As a theoretical contribution we will use contributions from authors such as Chaves de Melo (1975, 1976, 1981), Mattoso Câmara Jr. (1978), Possenti (2008), Altman (1998, 2009), Koerner (1996, 2014), among others. Therefore, we will make a methodological cut of linguistic historiography, limiting the present work to a preliminary examination only of the principle of contextualization and possible influences of other authors and / or works for the elaboration of the works of Chaves de Melo on the stylistics of the Portuguese language, as well as how to analyze the relationship between language and style defined by the author.

Keywords: Gladstone Chaves de Melo. Historiography-Linguistics. Portuguese language. Brazilian Style.

Introdução

Renomado linguista e filólogo brasileiro, *Gladstone Chaves de Melo* (1917-2001) foi professor em diversas instituições, como a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Universidade Federal Fluminense e a Universidade de Coimbra (Portugal). Fez parte de diversas associações nacionais e estrangeiras, como a Academia Brasileira de Filologia, na qual foi membro efetivo, eleito em 1951, Círculo Linguístico do Rio de Janeiro, Sociedade de Língua Portuguesa de Lisboa e Associação Galega da Língua (AGAL, Galiza, Espanha), além de contribuir durante toda sua produção acadêmica e intelectual para fortalecer o ensino e a pesquisa sobre a língua portuguesa no Brasil e fora dele.

Autor de inúmeras obras, como *A língua do Brasil* ([1946] 1975), *Alencar e a “língua brasileira”* ([1948] 1972), *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa* ([1951] 1981) e *Ensaio de estilística da língua portuguesa* (1976), trabalhos que demonstram a ampla visão linguística e filológica de Gladstone Chaves de Melo, com passagens que revelam a variação linguística no Brasil, refletindo sobre a diversidade de usos linguísticos, as diferenças entre o estilo do português utilizado no Brasil e em Portugal, além de fazer a distinção entre gramática e estilística, disciplina, esta, até então recente no Brasil e que estuda o sistema expressivo da língua. Sobre a referida distinção, o autor aponta:

A Gramática sistematiza os fatos da língua literária atual: é apenas um rol, um catálogo honesto, estabelecido com rigor e método. A Estilística é mais fina e vai mais longe: busca descobrir o porquê da escolha que fez este e aquele falante, quando preferiu entre duas ou três possibilidades uma; busca descobrir a adequação entre expressão e a situação linguística concreta, a ver se a escolha bem se ajustou a tal situação concreta [...]; busca estudar ordenadamente os processos de que dispõe a língua para que o falante, de par com o conceito que emite, exteriorize a sua emoção, a impressão afetiva que nele causa o enunciado (CHAVES DE MELO, 1981, p. 54)¹.

A estilística, em sentido lato, pertence à linguística e estuda o estilo da linguagem, isto é, a capacidade expressiva da língua em uso, tanto oral quanto escrita. Segundo Mattoso Câmara Jr. ([1953] 1978), a estilística pode exprimir-se nos diversos estratos da língua (fonética/fonologia, léxico/semântica, morfologia, sintaxe). Desse modo, é possível falar em estilística fônica, estilística léxico-semântica e estilística sintática. É comumente associada ao estilo, uma vez que estuda os fenômenos linguísticos levando em consideração a maneira pessoal que o indivíduo tem de escolher e operar os recursos expressivos que estão à sua disposição.

Para Gladstone Chaves de Melo, a escolha é “a alma do estilo” (CHAVES DE MELO, 1976, p. 23). Assim, em seus estudos estilísticos, o autor opta pela Estilística da Expressão, que é o estudo dos valores estilísticos da linguagem expressa, considerando particularidades afetivas, volitivas, estéticas, sentimentais, aspectos que também irão individualizar a expressão de cada um.

Dessa forma, em razão da relevância dos estudos de Chaves de Melo para o desenvolvimento da linguística brasileira, os objetivos do presente trabalho consistem em descrever alguns conceitos estilísticos e linguísticos que nortearam a elaboração de suas pesquisas estilísticas, além de mostrar como a relação entre língua e estilo foi estabelecida pelo autor. Para alcançar nosso intento, organizamos uma base metodológica amparada na historiografia linguística que, segundo Altman (2009, p. 128), é uma disciplina que “tem como principais objetivos descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo”.

Com efeito, a historiografia linguística pode ser entendida como o “modo de escrever a história do estudo da linguagem baseado em princípios” (KOERNER, 1996, p. 45). Assim,

¹ As referências das obras de Gladstone Chaves de Melo são feitas desta maneira, usando CHAVES DE MELO como sobrenome, conforme o próprio autor fazia quando citava suas obras, e conforme pode ser observado nas referências bibliográficas de seu livro *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*(1981).

o autor ressalta que o objeto de estudo deve ser observado segundo três princípios que orientam a pesquisa, a saber: contextualização (relaciona o contexto histórico e sociocultural da época em que a obra foi produzida com as concepções linguísticas que serão analisadas); imanência (levantamento de informações contidas na obra, terminologia utilizada e conceitos linguísticos envolvidos); adequação (aproximação dos conceitos e terminologias da obra analisada com as teorias atuais, verificando possíveis continuidades e/ou rupturas).

Convém explicar que o objeto de análise da historiografia linguística não é a linguagem, mas as formas de conhecimento que foram construídas sobre a linguagem ao longo da história, isto é, as teorias da linguagem e da língua, suas aplicações e evolução ao longo do tempo. Esse objeto pode ser uma obra, um conceito ou época, um autor ou a obra completa de um autor, e para cada objeto analisado, a historiografia linguística propõe procedimentos metodológicos diferenciados.

De acordo com Altman (1998), a atividade historiográfica não consiste apenas em selecionar acontecimentos históricos, mas sim em analisar esses acontecimentos de maneira crítica à luz do espírito da época em que ocorreram. Dessa forma, a historiografia linguística leva em consideração os diferentes fatores que contribuíram para que determinado saber linguístico se consolidasse por meio de um processo histórico.

Outro aspecto importante de caráter metodológico na pesquisa historiográfica-linguística é a questão da influência que, por um lado, “diz respeito a experiências compartilhadas, educação” e, por outro lado, se refere à “influência direta que pode ser documentada com base em referências explícitas, comparação de textos, agradecimentos públicos, e assim por diante” (KOERNER, 2014, p. 60). Dentre os critérios mais relevantes para determinar a influência, apontamos o reconhecimento público, que pode aparecer em “referências diretas de um autor às obras de outros” (KOERNER, 2014, p. 102).

Entretanto, não temos a pretensão de esgotar a discussão sobre o tema da estilística, visto a complexidade e a dimensão que esta alcança e pelo fato de nosso estudo historiográfico-linguístico sobre Gladstone Chaves de Melo ainda estar em desenvolvimento. Desse modo, fizemos um recorte metodológico e limitamos a presente pesquisa a um exame preliminar apenas do princípio da contextualização e possíveis influências de outros autores e/ou obras para a elaboração dos trabalhos do autor historiografado sobre a estilística da língua portuguesa.

Diante do que foi exposto, este trabalho justifica-se, em primeiro lugar, graças à pertinência dos estudos estilísticos de Chaves de Melo no cenário da linguística brasileira, em um período em que a disciplina de estilística ainda era recente no Brasil e não ocupava lugar de destaque nos estudos tradicionais de língua e linguagem. E, em segundo lugar, pelo fato de que a historiografia linguística é uma disciplina que se preocupa em entender como o conhecimento acerca da linguagem se desenvolveu ao longo do tempo o que, segundo Altman (1998), é importante para o desenvolvimento da própria historiografia da linguística brasileira e a compreensão de suas ideias, o que colabora para a reflexão sobre teorias linguísticas já consolidadas e que estão à espera de possíveis atualizações e avanços metodológicos.

Estudos estilísticos de Gladstone Chaves de Melo: língua portuguesa e estilo brasileiro

No Brasil, a estilística era compreendida basicamente por dois extremos: ou como uma oposição à gramática normativa, pois o que não seguia as regras normativas era considerado “desvio”, ou como o conjunto de características psicológicas individuais, ligadas à subjetividade do autor ou do falante, não havendo um consenso entre os pesquisadores nem mesmo a respeito da própria concepção de estilo, conforme aponta Possenti (2008):

Vimos que a noção de estilo é bastante confusa, havendo desta palavra numerosas definições (ver, por exemplo, Chociay, 1983, que comenta nada menos do que doze delas). [...] Entre a fluidez que se percebe nos tratamentos do estilo pelos críticos literários e a tentativa de estabelecer uma univocidade maior para este conceito, situam-se os linguistas, que tentam depreender noções um pouco mais severamente controláveis com base nas respectivas concepções de gramática ou de língua (POSSENTI, 2008, p. 249).

Destaquemos a obra *Ensaio de estilística da língua portuguesa* (1976), na qual Chaves de Melo examina os aspectos estilísticos da língua, tecendo considerações sobre diversas teorias, dentre as quais destacamos a de Charles Bally (1865-1947), em sua obra *Tratado de estilística francesa* (1909), e a de Pierre Guiraud (1912-1983), com a obra *A Estilística* (1954), importantes expoentes nos estudos estilísticos na Europa. Apesar de seguir os estudos estilísticos de Bally, Chaves de Melo faz uma crítica ao autor pelo fato dele desconsiderar os textos literários. Segundo o linguista brasileiro, os escritores literatos fazem

uso consciente dos recursos estilísticos da língua para alcançar os efeitos de sentido pretendidos, sendo um campo fértil para análise estilística.

Em relação à pesquisa estilística brasileira, Chaves de Melo difere-se de seus antecessores, como Rodrigues Lapa e Silveira Bueno, citados pelo próprio autor, visto que eles fizeram simplesmente compêndios de recursos da língua, manuais de gramática normativa que se distanciavam da abordagem dos estudos estilísticos que estavam sendo feitos fora do país (CHAVES DE MELO, 1976, p. 12). Enquanto esses autores tratavam a estilística como parte da gramática, Chaves de Melo considera duas disciplinas diferentes e autônomas, mas que caminham paralelamente.

Vale ressaltar a importância da iniciativa de Chaves de Melo em pesquisar sobre estilística da língua portuguesa em um período em que essa disciplina ainda era recente no Brasil e não ocupava lugar de destaque nos estudos tradicionais de língua e linguagem. Na verdade, os fundamentos estilísticos promovem o questionamento e a reflexão a respeito de concepções consolidadas, principalmente pela gramática normativa, o que muitas vezes se torna prejudicial à originalidade do estilo, além de oferecerem possibilidades ao autor de ir além do significado denotativo das palavras em um texto, por exemplo, aumentando sua emotividade e sugestionando o interlocutor.

Quando se trata de pesquisa historiográfica-linguística, é de suma importância apresentar a orientação que norteava os estudos linguísticos na época em que as obras foram produzidas, a saber, o princípio da contextualização, além das concepções linguísticas adotadas nas próprias obras. Esse princípio refere-se à determinação do “clima de opinião” do período em que a obra foi produzida e desenvolvida, retomando o passado e relacionando o contexto histórico e sociocultural da época com as concepções linguísticas que serão analisadas. As ideias linguísticas nunca se desenvolveram independente de outras correntes intelectuais do período em que surgiram.

Dessa forma, ao analisar língua e estilo, Chaves de Melo retoma os pressupostos saussurianos, do estruturalismo, e define *fala* ou *discurso* (*parole*) como a execução individual da língua, isto é, o uso que o falante faz do sistema. Ao colocar em prática a língua aprendida na comunidade da qual faz parte, o falante concretiza essa língua e, ao escolher o que usará dentro das possibilidades que a língua lhe oferece, acaba imprimindo um estilo próprio em sua fala.

Em particular, na obra *A língua do Brasil* ([1946] 1975) Chaves de Melo considera que, assim como existe um estilo individual de cada falante, também haverá um estilo nacional que representa “um temperamento, um caráter, uma sensibilidade, um modo-de-ser nacional, [...] uma expressão linguística que reflita esse modo-de-ser, essa, por assim dizer, alma coletiva” (CHAVES DE MELO, 1975, p. 133).

No que se refere à orientação que, predominantemente, norteava os estudos linguísticos no Brasil, destaca-se a teoria linguística desenvolvida pelo filósofo e linguista suíço *Ferdinand de Saussure* (1857-1913), a qual inaugurou o chamado estruturalismo, termo que surge uma vez que a língua, seu objeto de estudo, é concebida como um sistema, ou seja, uma estrutura constituída por um conjunto de elementos que obedecem certos princípios de funcionamento para produzir um todo coerente de sentido. Assim, “Saussure focalizou em seu trabalho a linguística da língua, “produto social depositado no cérebro de cada um”, sistema supraindividual que a sociedade impõe ao falante” (PETTER, 2014, p. 14).

Apesar de língua e fala serem inseparáveis, os estruturalistas tomavam a primeira como algo isolado da segunda, além de desconsiderar em suas análises variações linguísticas, situações concretas de uso da língua e fatores extralinguísticos que envolvem diferenças geográficas, históricas, sociais, econômicas, políticas, estéticas etc.

Nessa perspectiva, Chaves de Melo nunca foi adepto de um estruturalismo dito como “radical”, uma vez que não considera a língua isolada da fala, nem tão pouco faz abstração de fenômenos socioculturais e históricos em suas análises linguísticas. Por esse fato, Altman (1998) adverte que os pesquisadores contemporâneos a Chaves de Melo não o viam como linguista, mas sim como filólogo. Segundo a autora, tal julgamento ocorria, pois, até os anos sessenta, “no Brasil, sob a designação de lingüistas, se colocavam apenas os chamados estruturalistas” (ALTMAN, 1998, p. 121), o que reitera a concepção que se tinha naquela época acerca do estruturalismo. A autora ainda esclarece que:

A separação entre os dois programas de investigação começava aos poucos a se fazer mais clara para a comunidade acadêmica da época: de um lado, colocavam-se, sob a designação de Filologia, os trabalhos de edição crítica de textos literários e os de dialetologia; de outro, sob a designação de Lingüística, os trabalhos de descrição sincrônica de outras modalidades de língua que não a literária (ALTMAN, 1998, p. 122).

Em se tratando de variedade linguística, Chaves de Melo demonstrou em alguns de seus trabalhos grande interesse pelos estudos da sociolinguística, uma subárea da linguística que estuda a língua em uso em meio às comunidades de fala. Em obras como *A língua do Brasil* ([1946] 1975), *Alencar e a “língua brasileira”* ([1948] 1972) e *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa* ([1951] 1981) observa-se a ampla visão linguística e filológica de Chaves de Melo, com muitas passagens que mostram a variação linguística existente no Brasil, além das diferenças entre a língua portuguesa utilizada aqui e em Portugal.

De fato, podemos observar no trecho abaixo, extraído da segunda parte da obra *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa* ([1951] 1981), que o autor faz referência aos usos concretos da língua e à variação linguística decorrente dessas práticas:

O latim ponto de partida dos idiomas românicos é o latim vulgar ou, por melhor nome, latim coloquial, isto é, a língua viva do povo romano e dos povos romanizados, língua instrumento de comunicação diária, com finalidades práticas e imediatas. É bem de ver que tal latim não se mostrava absolutamente uniforme por toda a parte e em todas as camadas sociais, do mesmo modo que a linguagem coloquial do Rio de Janeiro não é inteiramente igual à do Ceará ou à de Minas; do mesmo modo que, dentro da cidade do Rio de Janeiro, um malandro não usa a linguagem de um professor universitário ou de um balconista que atende a senhoras (CHAVES DE MELO, 1981, p. 65).

No que tange às diferenças entre a língua portuguesa utilizada no Brasil e em Portugal, o autor teve valiosa contribuição para combater uma ideia recorrente entre os linguistas brasileiros: a de separação do português em duas línguas, a *língua brasileira* e a *língua portuguesa*, fortemente difundida por quem Chaves de Melo chama de “vocabulistas” e “nacionalistas” (CHAVES DE MELO, 1975, p. 22). Em suas pesquisas, o autor procurou comprovar que não temos outra língua, usamos a mesma língua de Portugal, porém com algumas alterações e estilo brasileiro.

Com efeito, no capítulo intitulado *Língua e Estilo*, da obra *A língua do Brasil* ([1946] 1975), Chaves de Melo reitera a afirmação de que não há uma “língua brasileira”. Na verdade, não existem duas línguas diferentes, mas sim estilos diferentes decorrentes das variações linguísticas e do uso da língua portuguesa no Brasil e em Portugal. O autor recorre à dicotomia saussuriana *langue X parole* para distinguir língua e estilo, não apenas mantendo a noção de língua em oposição à fala, isto é, *sistema X uso*, mas também colocando o estilo no âmbito da fala:

A distinção entre *língua* e *estilo* se funda na clássica dicotomia estabelecida pelo grande Saussure – *langue* e *parole* (...). Note-se bem: a *língua* é um fato social, é o sistema de sons, de estruturas vocabulares e de relações, que está na consciência ou no subconsciente de todos os membros da comunidade linguística (...). Agora, quando a pessoa fala, põe em execução essa língua, esse material lingüístico, escolhendo, selecionando e inovando (CHAVES DE MELO, 1975, p. 131-132). [Grifos do autor]

Em linhas gerais, a estilística é considerada como o estudo da língua no nível da fala e a noção de estilo como a escolha que o usuário faz dentro de um repertório de possibilidades, na medida em que as leis da língua o permitem, e conforme sua necessidade de expressão. Por essa razão, a estilística poderia, então, ser caracterizada como estruturalista, visto que desenvolve a dicotomia *langue X parole* em sua totalidade.

Ainda no capítulo supracitado, Chaves de Melo esclarece que no estilo revelam-se os componentes da personalidade do falante, destacando o caráter individual da língua, o que ele chama de discurso, no qual “entra toda a personalidade do indivíduo: a inteligência, a vontade, a imaginação, o temperamento, o gosto, a educação, a sensibilidade, a afetividade, a emoção, a paixão, o senso estético”. Dessa forma, o autor compara o discurso ao conceito de estilo (CHAVES DE MELO, 1975, p. 132).

A distinção entre língua e estilo assumida por Chaves de Melo, considerando o conceito de estilo como o uso individual que o falante faz da língua, isto é, do sistema que está à sua disposição, comprova a sua tese de que no Brasil não existe uma língua brasileira, mas sim um “estilo nacional” resultante do “modo-de-ser” próprio do brasileiro, influenciado por fatores socioculturais e históricos. Dessa afirmação, a proposição do autor de que no Brasil verifica-se a existência de uma língua portuguesa e um estilo brasileiro é, então, justificada:

E precisamente esse conceito de “estilo nacional” tem justíssima aplicação no caso da língua do Brasil. Nada impede que nós tenhamos *língua* portuguesa e *estilo* brasileiro. Isto é, um sistema gramatical português, o mesmo que se encontra em Camões, Vieira, Bernardes, Herculano, Garret, e um modo de *expressão*, uma *escolha* no material lingüístico e algumas criações, que melhor se ajustem e que correspondam ao espírito, à alma, ao temperamento, à sensibilidade brasileira (CHAVES DE MELO, 1975, p. 134). [Grifos do autor]

Considerações Finais

Em virtude da importância dos estudos de Gladstone Chaves de Melo para o desenvolvimento da linguística brasileira, em particular, da estilística da língua portuguesa, por meio da presente análise procuramos refletir a respeito de alguns conceitos estilísticos e linguísticos que nortearam o autor para a elaboração de suas pesquisas, além de mostrar como a relação entre língua e estilo foi estabelecida pelo autor. E, para tanto, os fundamentos metodológicos utilizados neste trabalho foram o da historiografia linguística, disciplina baseada em princípios e que busca descrever e explicar como as formas de conhecimento sobre língua e linguagem, bem como suas aplicações, foram desenvolvidas ao longo da história.

No entanto, como não tivemos a pretensão de esgotar todas as perspectivas de análise sobre o tema da estilística, visto a complexidade e a dimensão que esta alcança, e como nosso estudo historiográfico-linguístico sobre Gladstone Chaves de Melo ainda não foi concluído, fizemos um recorte metodológico, limitando o presente trabalho a um exame preliminar apenas do princípio da contextualização e possíveis influências de outros autores e/ou obras para a produção das pesquisas estilísticas do autor historiografado. Todavia, posteriormente, daremos continuidade ao referido estudo historiográfico-linguístico, analisando outros princípios metodológicos e elementos investigativos que julgemos relevantes para a conclusão de nossa pesquisa.

Com o intuito de situar o leitor no contexto da historiografia linguística, uma vez que esta disciplina pode ainda ser desconhecida do grande público, fizemos uma breve explanação sobre seu objeto de estudo e como este deve ser analisado segundo os princípios de: contextualização, imanência e adequação; bem como verificar a aplicação de um deles, a saber, a contextualização. Dessa forma, observamos que a orientação que norteava os estudos linguísticos no Brasil era a teoria desenvolvida por Ferdinand de Saussure, a qual inaugurou o estruturalismo, corrente que define a língua como um sistema, uma estrutura constituída por elementos que obedecem certos princípios de funcionamento.

Nossa pesquisa também pretendia analisar como a relação entre língua e estilo foi estabelecida por Chaves de Melo, então examinamos alguns conceitos linguísticos e estilísticos presentes em suas obras e verificamos que, ao considerar língua e estilo, o

linguista brasileiro retomou os pressupostos saussurianos, definindo fala (*parole*) como o uso individual que o falante faz da língua (sistema). Dessa forma, Chaves de Melo apresentou uma proposição, afirmando que no Brasil verifica-se a existência de uma língua portuguesa e um estilo brasileiro, este último influenciado por fatores socioculturais e históricos. Portanto, para o autor, não existem duas línguas diferentes, uma utilizada no Brasil e outra em Portugal, mas sim estilos diferentes resultantes das variações linguísticas e do uso diversificado da língua portuguesa nesses dois países.

Cabe ressaltar ainda que muitas das aparentes irregularidades ou variações de uma determinada língua têm sua origem em fenômenos de natureza estilística, o que constitui um lugar privilegiado para observar e assimilar aspectos socioculturais e históricos da língua analisada. Portanto, tal investigação a respeito dos fundamentos estilísticos, além de propiciar estudos linguísticos que acompanhem a dinamicidade e variabilidade da língua, favorece o desenvolvimento tanto da estilística enquanto ciência como de outras áreas com as quais se relaciona, como a teoria literária, a poética, a gramática, a pragmática, entre outras. Nesse sentido, Gladstone Chaves de Melo destaca-se por ter contribuído durante toda sua produção acadêmica e intelectual para fortalecer o ensino e a pesquisa linguística no Brasil, além de seus estudos estilísticos terem colaborado para a consolidação da estilística da língua portuguesa e despertado o interesse de outros linguistas em dar seguimento a essas pesquisas.

Referências

ALKMIN, Tânia. Sociolingüística - Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 2. ed. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21- 47.

ALTMAN, Cristina. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 1998.

_____. Retrospectivas e perspectivas da historiografia da linguística no Brasil. In: **Revista argentina de historiografia linguística**, I, 2, p. 115-136, 2009.

CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolingüística - Parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 2. ed. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 49- 75.

CHAVES DE MELO, Gladstone. **A língua do Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1975.

_____. **Alencar e a “língua brasileira” (Seguido de Alencar, cultor e artífice da língua)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

_____. **Ensaio de estilística da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

_____. **Iniciação à filologia e à lingüística portuguesa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1981.

KOERNER, Konrad. O problema da ‘influência’ na historiografia linguística. In: **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados**. Edição Centro de Estudos em Letras - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014, p. 91-102.

_____. Questões que persistem em historiografia linguística. In: **Revista da ANPOLL**, nº 2, 1996, p. 45-70.

MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. **Contribuição à estilística portuguesa**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

PETTER, Margarida. Linguagem, Língua e Linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística I: objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 11-24.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Lingüística Geral**. Trad. A. Chelini et al. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

Sobre a autora

Vanessa Ghilardi-Fossã

Mestranda na área de Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). Possui graduação em Letras (Português/Inglês) pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1464266130087316>

Artigo recebido em Agosto de 2018.
Artigo aceito para publicação em Outubro de 2018.